



São Francisco Pregando aos Pássaros, de Giotto, na Igreja Alta de São Francisco, em Assis

Giotto Pintava o que Via

Malcolm Vaughan

CAMINHANDO pesadamente por uma estrada nas montanhas da Itália, um artista passou por um menino pastor esparramado sobre uma grande rocha plana. O menino desenhava na pedra com um tição. O artista olhou o desenho e não pôde acreditar nos próprios olhos. Tinha diante de

Há seis séculos um menino camponês das montanhas da Itália alterou a história da arte

si a imagem dum carneiro—a mais perfeita que já vira.

—Quem é você?—perguntou.

Reprodução de "Pintura Italiana, Os Criadores da Renascença", por concessão especial de Skira Inc., Nova York

—Meu nome é Giotto—disse o menino.—Meu pai é lavrador e eu sou o pastor dêle. Moramos ali no alto.

O menino e o artista subiram até à casa do sítio, e aí o artista falou longamente ao pai, dizendo-lhe que Giotto possuía extraordinário talento e deveria estudar. Por fim o artista, Cimabue, o maior pintor da Itália na época, ofereceu-se para tomar Giotto como aprendiz. O menino prepararia as côres, misturaria as tintas, lavaria os pincéis, ao mesmo tempo que receberia lições de pintura.

O talento do menino para dar à imagem a semelhança da vida iria traçar um novo rumo à história da arte. Pois foi Giotto, no fim do século XIII e princípios do século seguinte, quem iniciou uma nova tradição de pintura afastando-se da austeridade e da falta de relêvo da arte bizantina para atingir o domínio da perspectiva e da natureza.

Baseava sua pintura no que via. Quando pintava uma árvore esta parecia mesmo uma árvore, num espaço tridimensional. As pessoas que pintava tinham o aspecto de seres humanos. Podia-se ler em seus rostos os tipos de indivíduos que eram. Podia-se até sentir suas emoções: medo, dor, felicidade, amor. Quando as pinturas de Giotto começaram a ser vistas, outros artistas passaram a imitá-lo. Os maiores pintores que se seguiram—Rafael, Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo—todos reconheceram sua dívida a essa nova maneira de pintar.

Giotto era extremamente religioso, como a maioria de seus contemporâneos. Uma maré espiritual empolgava então a Europa. Milhares de homens e mulheres deixavam-se fascinar pela beleza dos mistérios da fé. Isso se devia em grande parte à influência de Francisco de Assis, que morrera menos de meio século antes de Giotto nascer. Francisco era filho de um rico mercador e se desfizera de todos os bens terrenos, até dos sapatos, passando a andar descalço até ao fim de seus dias, vestindo uma simples túnica.

Francisco dedicou-se a auxiliar o próximo, especialmente aquêles em mais terrível miséria—mendigos, párias, leprosos. Queria mostrar por seu exemplo que Deus é amor. Fazendo-o, tornou-se o homem mais amado de seu tempo; dois anos depois de morto foi canonizado.

Construíram em Assis uma igreja com o nome do santo. Quando ficou terminada, o jovem Giotto foi chamado para ajudar a pintar nas paredes internas a história da vida de São Francisco—um vasto livro ilustrado com 28 cenas numa rica variedade de côres. Desde o dia em que essas paredes foram expostas, as pessoas se assombram e emudecem diante das figuras em tamanho natural. Nada igual jamais havia sido visto. Hoje, seis séculos passados, turistas de todos os pontos do mundo ainda acorrem à igreja e param cheios de respeito e admiração diante dêsses quadros.

Das 28 cenas a mais célebre é *São Francisco Pregando aos Pássaros*.

“Pássaros, meus irmãos”, diz-se que êle os chamou, e os pássaros o festejavam e ouviam “como se tivessem o uso da razão”. Essa cena revela maravilhosamente o amor universal que se reflete na vida de São Francisco.

A admirável mistura de sentimento e técnica em Giotto tornaram-no o mais destacado artista de sua era. Louvor, homenagem, fama, tudo lhe foi prodigalizado; reis e duques o convidavam para seus palácios, disputavam seu trabalho. Giotto permaneceu sempre o mesmo. Pintava para êles e aceitava o seu dinheiro (o bastante para manter a mulher e os seis filhos confortavelmente), mas jamais perdeu a sua modéstia. Quando outros artistas tentavam chamá-lo de “Mestre”, êle não o permitia.

Apesar de ter alcançado na pintura uma grandeza nunca sobrepujada, Giotto distinguiu-se também em outras artes. Foi ainda escultor,

poeta, compositor e arquiteto. Das honras que lhe foram concedidas talvez a mais alta tenha sido um decreto das autoridades de Florença. Por êsse decreto foi convidado a residir naquela cidade a fim de que “sua presença possa proporcionar a muitos as vantagens de seus conhecimentos”. Quando aceitou, Florença conferiu-lhe o título de arquiteto da cidade e incumbiu-o do desenho do campanário da cathedral. Essa tôrre é ainda hoje uma das mais famosas do mundo.

Quando morreu, com setenta e tantos anos, foi reverenciado tanto pela gente comum como pelos entendidos. Posteriormente, Lourenço, o Magnífico, o maior dos Médicis, fêz gravar no túmulo do pintor êste epitáfio: “Vêde! Eu sou aquêle . . . cuja mão direita tudo pôde, que deu vida à pintura morta, que identificou a arte com a natureza. Porque eu sou Giotto.”



PROFESSÔRA à classe:—Inflação quer dizer que, quando os professôres conseguirem um aumento, êle já não será suficiente.

—Pearson, em *Herald Tribune* de Nova York

MÃE EXAUSTA ao marido que volta encontrando a casa em completa desordem:—Como é que você pode perguntar se eu não arrumei nada hoje? Arrumei *tudo* pelo menos *doze* vêzes.

—Herb Williams, em *Ladies' Home Journal*

NUM MUSEU de arte uma senhora à amiga:—Minhas pernas sempre fraquejam no meio do século XVIII.

—Phil Interlandi, em *Look*

GERENTE da firma à candidata ao emprêgo:—Nós oferecemos várias regalias: duas semanas de férias, seguro de vida, aposentadoria e dois vice-presidentes solteiros.

—Don Tobin, King Features